

# INTERPRETANTES DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UMA LEITURA PEIR- CEANA A PARTIR DE FOTOGRAFIAS DE MAUS TRATOS AOS ANIMAIS

Adriana Ribeiro Ferreira Rodrigues, Carlos Eduardo Laburu  
*Universidade Estadual de Londrina*

**RESUMO:** Todo signo significa e o desafio é compreender: significa o que e para quem. Tal resposta pode ser buscada a partir dos interpretantes de Peirce. Este texto objetiva identificar os interpretantes emocional, energético e lógico produzidos a partir de fotografias feitas por alunos do ensino médio e que tenham como tema maus tratos aos animais. Considerando que as complexas relações que se dão entre os seres humanos e os animais podem ser entendidas de distintas formas, optamos por uma leitura baseada na semiótica peirceana a partir da identificação de situações de maus tratos captadas nas fotografias, almejando uma educação ambiental crítica, não-antropocêntrica, como possibilidade de rever as formas de relação dos seres humanos com os animais. Observamos que as fotografias analisadas como signos icônicos produzem os três efeitos interpretantes, emocional, energético e lógico, revelando os pensamentos de alunos e alunas acerca do tema maus tratos aos animais.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação ambiental, maus tratos a animais, semiótica peirceana

## OBJETIVO

Identificar os interpretantes emocional, energético e lógico produzidos a partir de fotografias sobre maus tratos a animais produzidas por alunas e alunos.

## MARCO TEÓRICO

O cerne desta discussão refere-se às formas de relação animais e humanos a partir de um olhar que se utiliza das lentes da semiótica de Charles Sanders Peirce. Relações estas que são muitas vezes estabelecidas de formas violentas, destrutivas, cruéis e escravizantes. Influenciados por complexos determinantes históricos, culturais, religiosos, morais e científicos fomos construindo ao longo da história distintas formas de relação entre os próprios humanos e entre humanos e animais. Além disso, um dos legados do cartesianismo gerou uma cisão e um estranhamento entre humanos e natureza.

Buscaremos identificar os interpretantes emocional, energético e lógico associados a situações de maus tratos aos animais provocados pelos seres humanos. Conhecer tais interpretantes é necessário para integrar uma educação ambiental crítica e um ensino de biologia contextualizado e significativo que questione as formas de relação. Entendemos que o ensino sobre a fauna, a educação ambiental e

---

os direitos animais são aspectos indissociáveis e capazes de desconstruir as visões naturalistas e antropocêntricas vigentes.

Isso pressupõe falar acerca de valores na educação ambiental. Concordamos com Brüger (2009); Souza (2007); Regan (2006) Felipe (2003); Makiuchi (2011) que o ambiente possui valores intrínsecos e não dependem da atribuição humana de valores pautados numa lógica antropocêntrica e utilitarista. A educação ambiental escolar deve contribuir para desconstruir as relações de utilidade, exploração, violência contra a natureza e os animais, passando para uma percepção biocêntrica, amparando e modificando o pensar e o agir humano no ambiente, e chegar, na acepção de Peirce, a um interpretante lógico como hábito e mudança de hábito (Santaella, 2004).

Grün (2007) afirma que “as éticas ambientais têm um enorme potencial subversivo, pois não aceitam o *status quo* que tornou parte da humanidade dominadora da Natureza” (p. 202). A partir dessa perspectiva impõe-se uma irredutível alteridade do ambiente: sermos humildades perante a natureza que é o Outro que se dirige a nós, conforme Grün (2003). Essa alteridade precisa integrar o trabalho do educador ambiental e apesar de ser uma tarefa desafiadora, “garantir a alteridade é garantir a ética” (Makiuchi, 2011). Ao pensar esse “outro”, Souza (2007) questiona: Quem tem sido os animais ao longo da história do poder humano? Parece que os animais *não* têm podido ser. Estão expostos à exploração, ao uso, ao maltrato provocado pelos seres humanos. Se queremos uma relação de forma solidária, justa, de respeito, a visão dos animais como “outro” não pode ser ignorada. Em outras palavras, é o que propõe Leopold (1949) quando diz que é preciso “pensar como uma montanha”, pois só será possível compreender a existência do outro colocando-se no seu lugar.

A semiótica peirceana discutida aqui é a partir de Peirce (1978, 1989); Santaella (2001, 2004, 2008); Turrisi (2002); Fidalgo e Grandim (2005) preconizada como a ciência geral dos signos que buscou entender o mundo da existência humana e garantir sua comunicabilidade, (Fidalgo e Grandim, 2005). Pensamos por meio de signos e, assim, todo signo significa, o grande desafio é saber o que e para quem significa.

Ao longo de seus escritos, Peirce define Signo de inúmeras formas, dentre elas “[...] O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia [...]”, também “Um *Signo* é qualquer coisa que está relacionada a uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de tal modo a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante* [...]” (Peirce apud Santaella, 2008, p. 12,18). E ainda um signo pode ser entendido como “algo que ao ser conhecido por nós, faz com que conheçamos algo mais.” (Peirce apud fidalgo e Grandim, 2005, p. 147). E tem um caráter vicário (Santaella, 2008; Fidalgo e Grandim, 2005).

Quanto ao objeto, este foi classificado por Peirce em imediato e dinâmico. O primeiro é o objeto como o signo o representa, refere-se a representações sobre o objeto, mas que não foi experienciado; o segundo, dinâmico, que é o que nos interessa neste trabalho, é o objeto realmente eficiente, não presente, mas que já foi experienciado e, mesmo não estando presente, faz sentido.

O Interpretante é “aquilo que o signo produz numa Quasi-mente, que é o intérprete determinando esta última a um sentimento, um exercício, ou um signo, determinação essa que é o interpretante” (Peirce apud Fidalgo e Grandim, p. 150, 2005). É uma característica intrínseca do signo, ou seja, é um conteúdo objetivo do signo, com capacidade de produzir um interpretante na mente do intérprete. “Porém, existem atos interpretativos particulares e individuais” (Santaella, 2008, p. 63).

Na tríade de Peirce, os interpretantes estão classificados em imediato, dinâmico e final, sendo que o dinâmico pode produzir três tipos de efeito no intérprete, a saber: interpretante emocional, energético e lógico. Não é propósito deste trabalho discutir o interpretante final. Assim, interessa-nos o interpretante dinâmico e sua tricotomia, pois ao falar sobre a fotografia, os alunos estão externando interpretantes que são o efeito realmente produzido pelo signo e não apenas potencialidade. É a partir deste interpretante que estabelecemos as categorias de análise adotadas.

---

O *interpretante emocional* “é o primeiro efeito semiótico, em termos de qualidade, portanto, qualidade de sentimento de um signo” (Santaella, 2008, p. 78). Em alguns casos, é o único efeito que o signo produz (CP, 1077). O *interpretante energético* produz um efeito sempre como um esforço, muscular ou mental, mas é muito mais, um esforço sobre o Mundo Interior, um esforço mental (CP, 1077). O *interpretante lógico* “é o pensamento ou entendimento geral produzido pelo signo” (Santaella, 2008, p. 79) a partir do qual o intérprete internaliza novas regras, faz novas relações e atualiza o signo.

A fotografia é um signo produtor de interpretantes, com seu caráter icônico e indicial (Santaella, 2001). No contexto de produção das imagens, a experiência colateral integra o processo de produção dos interpretantes. Esta possibilita acessar o objeto além do que é possível por meio do signo, ou seja, captar do objeto e do seu contexto outros aspectos que não estão contidos no signo. Assim, ao identificar e fotografar as situações de maus tratos, alunos e alunas vivem uma experiência colateral em relação ao objeto.

A educação pragmatista discutida por Turrisi (2002), propõe que a exposição à experiência ou “experiência colateral” é o principal apoio do processo de ensino, independentemente do conteúdo. E a exposição e o mergulho na experiência poderá aproximar o aprendiz da complexidade dessa realidade e assim aprender.

## METODOLOGIA

Esta investigação tem cunho qualitativo e está circunscrita a um grupo de alunos de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública. Os dados aqui analisados referem-se ao material produzido pelos alunos (fotografias), no contexto da disciplina de Biologia, e as suas falas em relação às mesmas, registradas de forma escrita, em áudio e vídeo. Antes de iniciar as atividades propriamente ditas, alunos e alunas responderam a um questionário que nos permitiu identificar as suas ideias iniciais sobre o que consideravam como situação de maus tratos aos animais.

Durante duas aulas de cinquenta minutos foi desenvolvida uma proposta de sensibilização para o tema: “maus tratos aos animais” por meio de vídeos e discussões em sala. Em seguida, foi solicitado aos alunos que fotografassem no seu ambiente próximo (no entorno da escola, na sua rua, no seu bairro) alguma cena que considerassem como maus tratos envolvendo animais. Neste momento não foram enumeradas possíveis situações, deixando que os próprios alunos e alunas identificassem-nas julgando se se tratava ou não de mau trato e nos dias subsequentes as fotografias deveriam ser feitas.

Para produzir as fotografias, os alunos poderiam utilizar-se do dispositivo que dispusessem em mãos, aparelhos celulares, câmeras digitais ou analógicas. Em seguida, estes discorreram sobre a foto produzida, explicando suas motivações para a produção daquela imagem e respondendo a três questões específicas: “O que você sentiu quando viu a cena fotografada”, “Teve vontade de fazer algo em relação a isso” e “Por que esse tipo de situação de maus tratos acontece”. Para a análise dos dados, utilizamos das definições dos interpretantes emocional, energético e lógico identificando palavras, expressões, ideias que se relacionem a cada um dos efeitos interpretantes produzido pelo signo.

A partir de uma das definições de Signo para Peirce, o R (*representamen*) é algo que representa alguma coisa para alguém, é onde reside a potencialidade do signo, o R, neste caso, é a fotografia do animal maltratado como semelhança ou como ícone, que guarda se não todos, os principais aspectos de identidade do objeto; o O (*objeto*) que é aquilo que o signo representa, nesse caso específico, o objeto do signo é dinâmico, é o objeto realmente eficiente e que foi experienciado, ou seja, tal como é em si mesmo, aqui, o animal maltratado; O I (*interpretante*) dinâmico que produz três efeitos distintos, emocional, energético e lógico, que serão identificados na análise.

---

## RESULTADOS

Os resultados foram obtidos a partir das fotografias produzidas pelos estudantes e das suas falas acerca do material produzido. Em seguida foram analisados a partir do referencial teórico dos interpretantes de Peirce.



Foto 1: Cavalo puxando carroça com duas pessoas

Autor: a1



Foto 2: Cavalo preso em terreno baldio

Autor: a2



Foto 3: pássaro em gaiola de pet shop

Autor: a3



Foto 4: coelho em gaiola de Pet shop

Autor: a3



Foto 5: cão com ferimento na perna

Autor: a4



Foto 6: cão preso em terreno com sacatas

Autor: a5



Foto 7: pássaro ferido e cego

Autor: a6



Foto 8: cão morto na rua

Autor: a7

Para a identificação dos interpretantes produzidos pelas fotografias, partimos das principais palavras e expressões externadas pelos intérpretes e contidas na tabela abaixo, como síntese dos dados obtidos.

Tabela 1.  
Síntese das falas dos alunos associadas aos interpretantes emocional, energético e lógico

Fotografia	Interpretante emocional	Interpretante energético	Interpretante lógico
Foto 1	Trabalho duro e cruel	Impotência diante da situação	“Ninguém gostaria de estar no lugar do cavalo”
Foto 2	Vergonha e indignação; animais são seres belos	A mudança necessária contraria culturas e conceitos estabelecidos	Coisificação e desrespeito pelos animais
Foto 3	Privação da liberdade	Vontade de tirar os animais da gaiola	Prisão fiançável, violação dos direitos animais
Foto 4 -	Privação da liberdade	Vontade de tirar os animais da gaiola	Prisão fiançável, violação dos direitos animais
Foto 5 -	Tristeza	Adotar o cão	Ter a posse do animal exige responsabilidade
Foto 6	Animal triste	As condições de vida do animal são precárias	Ter a posse do animal exige responsabilidade
Foto 7	Compaixão	Desejo de alimentar, cuidar e proteger	A maldade de atentar contra uma vida é injustificável
Foto 8	Tristeza, a morte levou a beleza do animal	Fotografar e tirar o corpo do animal da rua	A morte é causada pelo abandono, indiferença e irresponsabilidade

*Interpretante emocional:* De maneira geral, todas as fotos estão aptas a produzir qualidades de sentimento que é o primeiro efeito do signo. As fotos dos animais com limitação ou privação de liberdade, feridos, mortos, abandonados ou explorados produzem nos intérpretes sentimentos de compaixão, solidariedade, indignação, ternura. São as sensações primeiras, variadas e neste caso, bastante perceptíveis, que sensibilizam e desestabilizam o intérprete.

*Interpretante energético:* Em todos os casos, a sensibilidade despertada no interpretante emocional dá lugar à volição e move para a ação consciente, no aspecto mental ou muscular. O desejo de abrir as gaiolas e libertar os animais presos, cuidar dos ferimentos, alimentar, melhorar as condições de vida do animal, adotá-lo, convocar o coletivo para mudar essas formas de relação revela a energia despendida e os esforços interiores realizados.

*Interpretante lógico:* Também podemos dizer que em todos os oito casos há, em algum nível, a sistematização do pensamento. Um entendimento geral produzido pelo signo, resultado de conexões e inferências. Ao enumerar as possíveis razões que levam às situações de maus tratos identificadas, os intérpretes indicam que a irresponsabilidade, a indiferença, a violação dos direitos animais, a maldade, o abandono têm como consequências as situações de maus tratos. A superação disso começaria pela capacidade de colocar-se no lugar do outro – alteridade – mencionada por uma aluna.

## CONCLUSÕES

Podemos inferir, a partir dos interpretantes identificados, que as ideias dos alunos e alunas acerca das formas de relação dos seres humanos com os animais se modificaram ao longo do processo. Ao comparar as respostas do questionário inicial e as falas posteriores à produção das fotografias, verificamos que os pontos de vista sobre o que sejam maus tratos se ampliam e complexificam após a discussão em sala e a produção das fotografias.

Da análise dos dados, verificamos que os três efeitos interpretantes são produzidos pelo signo em questão “fotografia de um animal maltratado”. Quando o estudante consegue associar a ação humana à situação de maus tratos, nas formas de exploração da força do animal, venda de animais, ferimentos,

---

animal preso, entre outros, percebemos que se torna mais clara para os mesmos as formas negativas de relação dos seres humanos com os animais. Antes da realização do trabalho, a maioria dos alunos e alunas considerava mau trato apenas como ferimentos ou espancamento.

Estudos subsequentes podem discutir o interpretante lógico como hábito, adequado a um processo de educação ambiental que visa modificar as formas negativas de relação dos seres humanos com a natureza, neste caso em específico, com os animais. Assim, o alvo seria chegar a um interpretante lógico como hábito, que se constitui como um devir dentro de um processo educativo na direção da liberdade do humano de adotar a ação deliberada (que é o objetivo do interpretante lógico).

Revela-se a importância da experiência colateral e do objeto apresentado que gera conflitos importantes para a mudança nas formas de pensar e agir dos alunos e alunas. O trabalho prévio de sensibilização para o tema suscitou em muitas alunas e alunos uma nova perspectiva. Uma provocação que serviu de lente para outro olhar com relação aos animais. Possivelmente tais aspectos relacionados contribuíram para gerar um signo genuíno, desencadeando semioses e influenciando a concepção da realidade dos alunos e alunas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brügger, P. (2009). *Nós e os outros animais: especismo, Veganismo e educação ambiental* Linhas Críticas, Brasília, 15(29), pp. 197-214.
- Felipe, S. T.(2003) *Por Uma Questão de Princípios: Alcance e Limites da Ética de Peter Singer em Defesa dos Animais*. Florianópolis: Fundação Boiteux.
- Fidalgo, A; Gradim, A. (2004-2005). *Manual de Semiótica*. UBI – Portugal:Bocc.
- Grün, M. (2007) *A Pesquisa em Ética na Educação Ambiental*. Pesquisa em Educação Ambiental, 2(1), pp. 185-206.
- (2003) A outridade da natureza na educação ambiental. In: Reunião anual da ANPED, 26, Caxambú. *Anais...* Caxambú: Hotel Glória.
- Leopold, Aldo. (1949) “*A Sand County Almanac*”, Oxford University Press.
- Makiuchi, M. de F. R. (2011) *Alteridade e educação ambiental*. Pesquisa em Educação Ambiental, 6(1), pp. 85-99.
- Peirce, C. S. (1989). *Escritos Coligidos*. São Paulo: Nova Cultural.
- (1978). *Collected Papers*. Cambridge: Harvard Univ. Press
- Regan, T (2006). *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Trad.: Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano.
- Santaella, L..(2004). Contribuições do pragmatismo de Peirce para o avanço do conhecimento. *Revista de Filosofia*, Curitiba, 16(18), pp. 75-86.
- (2001) A eloquência das imagens dos vídeos de educação ambiental: uma análise semiótica. In: Costa, L. B. da; Trajber, R.(orgs) *Avaliando a educação ambiental o Brasil: materiais audiovisuais*. São Paulo: Peirópolis.
- (2008) *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning
- Souza, R. T. (2007). *Ética e animais – reflexões desde o imperativo da alteridade*. Veritas, 52(2), pp. 109-127
- Turrisi, P. (2002). O papel do pragmatismo de Peirce na educação. *Cognitio*, 3, 122-135.